

O COLONIALISMO 'MAIS-QUE-HUMANO' EM OS SUBSTITUTOS (2023) DE BERNARDO CARVALHO: REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA SOB A DITADURA MILITAR

'MORE-THAN-HUMAN' COLONIALISM IN OS SUBSTITUTOS (2023) BY BERNARDO CARVALHO: REPRESENTATIONS OF THE AMAZON UNDER THE MILITARY DICTATORSHIP

Ana Clara NORONHA¹

RESUMO: Este artigo analisa criticamente o romance *Os substitutos* (2023) do escritor brasileiro Bernardo Carvalho, destacando aspectos da obra que dialogam com as teorias pós-humanistas e a ecocrítica. Pretende-se analisar a utilização do autor do recurso da intertextualidade para evidenciar a lógica humanista predatória como resultado de um modo específico de subjetivação que perpassa diversos tempos e contextos. Carvalho estabelece um paralelo entre os projetos de colonização da Amazônia durante a ditadura militar (1964-1985) e narrativas de ficção científica que retratam a colonização espacial, nomeadamente os filmes *Solaris* (1972) de Andrei Tarkovski e *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) de Stanley Kubrick. De tal forma, propõe-se que o romance consolida visões do colonialismo desde uma perspectiva 'mais-que-humana', evidenciando as relações entre seres humanos, não-humanos e o meio ambiente. As correspondências traçadas pelo autor com o contexto da corrida espacial revelam-se particularmente relevantes diante do fortalecimento de discursos contemporâneos que propõem a colonização espacial como solução para a crise da vida terrestre no Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Humanismo. Ecocrítica. Literatura Brasileira. Ditadura Militar. Amazônia.

ABSTRACT: This article critically analyses the novel *Os substitutos* (2023) by Brazilian writer Bernardo Carvalho, highlighting aspects that engage with ecocriticism and posthumanist theories. It aims to examine the novel's intertextuality potential to evince the predatory logics of humanism, which emerges as a mode of subjectivity that transcends epochs and contexts. Carvalho establishes parallels between the colonization projects during the Brazilian military dictatorship (1964-1985) and science fiction narratives that depict space colonization, namely the movies *Solaris* (1972) by Andrei Tarkovski and *2001: A Space Odyssey* (1968) by Stanley Kubrick. Due to that, this study proposes that the novel consolidates visions of colonialism from a 'more-than-human' perspective, highlighting the relationships between humans, non-humans, and the environment. The author's correspondences with the space race demonstrate particular relevance given the strengthening of contemporary discourses that envisage spatial colonization as the solution for the crisis of terrestrial life in the Anthropocene.

KEYWORDS: Post-Humanism. Ecocriticism. Brazilian Literature. Military Dictatorship. Amazonia.

1. Doutoranda em Estudos Comparatistas pelo Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: acnoronha@edu.ulisboa.pt. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4405-9936>.

1. A Ameaça de Substituição: Persistências do Racionalismo Humanista

Publicado em 2023, *Os substitutos* aparenta ainda não ter recebido considerável atenção por parte da crítica acadêmica. Este estudo apresenta-se como um dos primeiros esforços para articular as diversas referências da obra com o *devoir* do imaginário contemporâneo, onde uma estrutura rizomática de reflexões sobre o pós-colonialismo, a crise climática e a memória histórica buscam uma articulação possível apta a reconstruir os significados do presente. A noção de substituição no romance apresenta-se por meio da sobreposição de duas narrativas. Dois universos aparentemente distintos, porém complementares. Utilizando-se de uma narrativa de moldura, também denominada narrativa enquadrada (Caeiro, 1973; Medeiros, 2012), Carvalho apresenta uma obra de ficção histórica onde o personagem principal está a ler um livro de ficção climática. Através da primeira narrativa, o leitor é levado ao passado histórico dos projetos de colonização da Amazônia durante a ditadura militar brasileira. Já na segunda narrativa, o livro fictício retrata um futuro onde a colonização espacial surge como continuação da lógica exploratória face à falência do planeta Terra. Tais sobreposições temporais permitem uma exploração das dinâmicas que envolvem o tempo presente.

Ambos os livros intitulam-se *Os substitutos* e suas narrativas intercalam-se na construção da trama. Os dois enredos oscilam entre a memória do passado histórico e a imaginação catastrófica de um futuro destruído, sugerindo uma relação de causalidade entre tais cenários. A constituição da imaginação e da subjetividade, localizada no diálogo entre essas duas narrativas, parece ser o motivo central do texto, suspenso entre o dito e o não-dito. A primeira narrativa acompanha a viagem de um menino e seu pai ao interior da floresta amazônica em um avião monomotor; enquanto a segunda, contida no livro do menino, descreve as aventuras de crianças clonadas em uma missão espacial para povoar outro planeta. Diálogos e interpretações das personagens sobre ambos cenários permitem o encontro entre essas distintas dimensões, explicitando que lógicas análogas atuam em ambos contextos. Essa conexão torna-se particularmente evidente em afirmações que evidenciam uma sobreposição entre esses universos, a exemplo da cena onde a criança afirma: “É ficção científica, nada disso aconteceu ainda” (Carvalho, 2023, p. 87); ou ainda, quando o avião se aproxima à cidade de São Félix e o pai pergunta: “Tá vendo aquele pontinho brilhante lá na frente?” (Carvalho, 2023, p. 24), iniciando um diálogo que é concluído pelo menino com a retomada da narrativa de seu livro de ficção: “Eles acordam quinze anos antes de chegar ao planeta. Em termos intergalácticos isso significa que já estão na rota de aproximação e decidiram pousar” (Carvalho, 2023, p. 24). Assim, o autor evoca associações entre a aproximação do avião à Amazônia e a chegada a um planeta desconhecido.

Conforme observa Medeiros (2012), a utilização da narrativa de moldura, caracterizada pela inserção de uma narrativa dentro de outra, é recorrente na história literária e remonta à época clássica, fazendo-se presente em obras como a *Ilíada* e o *Decamerão*. Tal estratégia foi historicamente usada para estabelecer verossimilhança entre discursos divergentes, a exemplo da obra de Boccaccio onde jovens refugiados da Peste Negra compartilham suas experiências.

Para o autor, “a narrativa de moldura ainda emprestaria um sentimento de organização de que certas épocas padeceriam” (Medeiros, 2012, p. 5), conformando um senso de harmonia entre distintos eventos e um esforço de formulação sobre o que ‘poderia ter acontecido’ e ‘o que aconteceu’. Neste sentido, a obra de Carvalho, similarmente, vale-se desse recurso para conciliar complexidades e contradições próprias de fenômenos contemporâneos.

Tais heterogeneidades manifestam-se na própria escolha dos gêneros literários de cada narrativa, considerando-se que a temática da falência do planeta Terra é relativamente recente na teoria e na crítica literária enquanto a ficção histórica constitui um gênero tradicional. A segunda narrativa, portanto, pode ser definida como uma obra de inclinação *cli-fi* (do inglês, *climate fiction*), termo que tem sido utilizado para designar obras que retratam as ansiedades decorrentes dos efeitos das alterações climáticas. Alguns autores sugerem ainda que tais produções não são propriamente um novo gênero, mas refletem um amálgama de interesses e preocupações da vida no Antropoceno (Johns-Putra; Goodbody, 2019; Savi, 2023). Tais autores acrescentam que as alterações climáticas e suas consequências tornam-se possibilidades cada vez mais concretas e sugere que o *cli-fi* constitui, portanto, um ponto intermediário entre o realismo e a ficção científica. Independentemente da perspectiva adotada, o aspecto ambíguo desta categoria encontra ainda maior potência em *Os substitutos*, onde realidade e ficção se entrelaçam de forma a questionar as fronteiras entre o plausível e o imaginário.

A reflexão sobre o passado histórico proporciona um enquadramento referencial para tais diálogos. A primeira narrativa concretiza esses temores abstratos nos projetos de colonização e interiorização do Brasil durante a ditadura militar. A opção histórica de Carvalho dialoga com uma tendência atual na literatura brasileira, interessada em retomar, refletir e reconstruir as narrativas historiográficas do período ditatorial desde o olhar contemporâneo. Cruz (2021, p. 36), através de um levantamento quantitativo de títulos, demonstra que o número de obras literárias que retratam a ditadura brasileira cresceu consideravelmente desde 2014. A autora atribui tal fato a eventos políticos da última década, responsáveis por fomentar o debate público sobre o tema. Nomeadamente, pode-se citar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (2011-2014), o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Tal retomada, contudo, é acompanhada pelo reenquadramento contemporâneo destes debates, evidenciando aspectos ecológicos e raciais pouco explorados pela historiografia e pela literatura do século XX.

Neste impulso de atualização concentram-se nexos que permitem preencher o hiato entre a memória da ditadura e a opção do autor por referências ao espaço sideral. Logo, compreende-se que a narrativa *sci-fi* alarga os horizontes da reflexão nacional para o âmbito global, evocando as disputas por influência política durante a Guerra Fria, principalmente no que concerne à corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética. Neste contexto, vale-se mencionar que as ditaduras latinoamericanas foram fortalecidas por alianças militares com o poder norte-americano, o que justificou-se majoritariamente através do temor à ameaça comunista (Mcsherry, 2005). No romance, tais paralelos entre a realidade histórica e a conquista espacial

são ainda reforçados por recorrentes menções à transmissões de rádio anunciando a chegada do homem à lua, evento ocorrido em 1969, concomitantemente ao período do regime militar. Referências realizadas pelo protagonista aos filmes de ficção científica *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) e *Solaris* (1972) igualmente sugerem relações entre o projeto ditatorial na Amazônia e a corrida espacial no contexto da guerra fria. Logo, os diálogos diegéticos do romance permitem produzir uma espécie de *zoom out* do projeto de colonização da floresta amazônica rumo à visualização de uma lógica global de dominação de locais terrenos e extraterrenos – questões que serão debatidas à frente em maior profundidade.

A convergência entre teorias pós-coloniais, raciais e pós-humanistas na representação da ditadura por Carvalho possibilita apreender dinâmicas centrais do pensamento contemporâneo, destacando-se dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, o interesse em recuperar a memória da violência política contra os povos indígenas da Amazônia, um tema historicamente negligenciado. Em segundo lugar, a importância de conferir centralidade ao impacto ecológico da colonização amazônica, considerando-se que esse período histórico marca a intensificação de um processo de devastação ambiental cujos efeitos estendem-se à atualidade (RISSO, 2022).

No que tange o primeiro ponto, observa-se que embora o estabelecimento de uma Comissão da Verdade em 2011 tenha representado uma importante medida de manutenção das estruturas democráticas, diversos estudos questionam as formas como tais trabalhos foram conduzidos. Contesta-se a restrição da promoção da justiça aos centros urbanos, vinculada à memória da violência praticada contra membros das elites políticas e intelectuais do país. Como alternativa a este discurso dominante, diversos trabalhos acadêmicos recentes retomam a narrativa da ditadura desde a perspectiva de espaços marginais como favelas, comunidades camponesas e indígenas (Pedretti, 2017; Silva 2020; Azevedo 2022). Tais percepções igualmente são refletidas em ficções literárias que visam dar voz a pontos de vista negligenciados, a exemplo de *Tocaia do Norte* (2020) de Sandra Godinho e *O Tom Vermelho do Verde* de Frei Betto (2022), os quais analogamente dedicam-se ao passado da Amazônia. *Os substitutos* surge em meio a este esforço coletivo da literatura pela democratização da memória da violência, estendendo o retrato ditatorial às regiões ditas remotas do país.

No que concerne ao segundo ponto, de viés ecológico, analisado neste trabalho com maior dedicação, observa-se que as representações sociais e espaciais do romance dialogam com noções essenciais de separação entre natureza e cultura na racionalidade ocidental, refletidas principalmente na separação entre o espaço urbano e a floresta. Lawrence Buell, em sua obra fundacional da ecocrítica *The Environmental Imagination* (1995), observa que o âmbito da produção estética detém caráter decisivo na configuração das relações entre a humanidade e o meio ambiente. Tomando o caso dos bosques Walden como referência, Buell observa que a obra poética de Henry David Thoreau, *Walden* (1854), constitui-se como motivador de projetos de preservação ecológica da área até os dias atuais. Para o autor, tal fato dá-se devido ao potencial da literatura para atribuir sentidos e potencialidades ao ambiente, podendo contribuir tanto

para uma noção de separação quanto de comunhão com a natureza. A imaginação, neste sentido, apresenta-se como elemento mediador entre o humano e as dimensões 'mais-que-humanas'.

As diversas referências estéticas evocadas por Carvalho ao longo do romance evidenciam a persistência de um certo imaginário sobre o mundo natural que remonta aos tempos coloniais. Vislumbra-se uma persistente ambição por domesticar e civilizar os ambientes e seres ditos selvagens.² Em *Postcolonial Ecocriticism*, Huggan e Tiffin (2010, p. 6) observam que a ecocrítica permite a visualização da questão territorial e ecológica como elemento central da expansão imperialista. Buell, ao debater a representação da natureza no texto, observa ainda que a história das Américas pode ser pensada desde o ponto de vista de uma colonização ecológica por plantas invasoras (1995, p. 6). De tal modo, esta análise baseia-se nas contribuições teóricas de tais autores para sublinhar os aspectos mais-que-humanos do imaginário colonialista brasileiro nas suas relações com a natureza, os quais encontram-se refletidos no romance.

À luz destes elementos, deve-se ter em conta que a representação do colonialismo interno (Cesarino, 2017) em Carvalho está pautada na eliminação da diversidade ecológica da floresta em prol da instauração de uma pecuária extensiva de criação de gado. A disposição do gado nestes espaços necessariamente pressupõe o desmatamento de grandes áreas de floresta e, conseqüentemente, a destruição das dinâmicas da vida indígena. A presença dos bois, na sua relação de exploração com o humano, constitui a paisagem amazônica do romance. Por vezes, os bois aparecem como sujeitos que testemunham os acontecimentos, como no trecho: “um ou outro boi desgarrado no meio do pasto debaixo de chuva olhava de vez em quando para o carro que passava espirrando lama” (Carvalho, 2023, p. 134); e por vezes são mencionados como produto de consumo, a exemplo de “é carne de primeira, fresquinha, aqui da fazenda, o boi foi abatido ontem, especialmente” (*ibid.*, 2023, p. 72).

Esta constituição da paisagem amazônica com aspecto árido ou enlameado contrasta fortemente com a tendência histórica das literaturas *da e sobre* a Amazônia, posto que este espaço tem sido majoritariamente imaginado como casa de uma exuberante biodiversidade (Slater, 2015; Martínez-Pinzon, 2019). Desse modo, denota-se que o Antropoceno vem deixando suas marcas nas representações amazônicas, processo no qual se insere *Os substitutos*. Este cenário de aridez vinculado à fantasia colonial da pecuária amazônica durante a ditadura reaparece no romance de Godinho (2021), onde o protagonista observa a tentativa frustrada de criação de gado de seu pai: “Ver as seis cabeças de gado do meu pai se definharem, uma após a outra, naquela terra espúria, me dava tristeza. Os cascos inchando, as vacas deitando num canto sem força de mugir nem para pedir socorro.” (2021, p. 266). Em *A Morte e o Meteoro* (2019) de Joca Reiners Terron, este cenário de aridez atinge seu ápice em uma Amazônia quase extinta. Deba-

2. A noção de colonização referida no contexto de um governo que avança sobre o seu próprio território nacional é aqui entendida desde os conceitos de colonialismo interno e colonialismo doméstico explorados por Leticia Cesarino (2017). Esta forma de colonização refere-se à imposição pelas elites nacionais de projetos governamentais que reproduzem a lógica colonial global.

tes correntes sobre a transposição do ponto de não-retorno da biodiversidade amazônica contribuem à formulação dessas imagens, contrastando com o imaginário, construído ao longo dos séculos, da Amazônia como fonte inesgotável de recursos naturais (Flores *et al.*, 2024).

Neste sentido, pode-se vislumbrar no romance a colonização como resultado de agenciamentos 'mais-que-humanos', onde os homens e os bois conformam a matriz ideológica. Nesta lógica, a separação entre humanos, não-humanos e "menos humanos" é particularmente relevante, na medida em que tornam-se visíveis hierarquias de poder que determinam a exploração do trabalho e dos bens de consumo. O gênero feminino, neste emaranhamento, adquire posição secundária e é tida como mais próximo dos bois do que dos homens, a exemplo do seguinte diálogo: "Que é que um homem quer? [...] um pedaço de terra, umas cabeças de gado, uma mulher" (Carvalho, 2023, p. 134). Os indígenas, por sua vez, são referidos no romance como residentes de uma "mata virgem onde vivem índios e feras" (Carvalho, 2023, p. 6), sendo aproximados do reino animal. Tais acepções constituem as relações sociais no romance, na medida em que a perspectiva das mulheres é constantemente reprimida e os indígenas são tidos como obstáculos à civilização.

Rob Nixon compreende o processo colonial como uma forma de violência lenta e de difícil percepção. Em suas palavras, "*a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all*" (Nixon, 2011, p. 2). Em concordância com tais ideias, as violências coloniais em *Os substitutos* adquirem um caráter diluído na medida em que emergem através de memórias e relatos de distintas origens, remontando a tempos cada vez mais longínquos. As personagens são caracterizadas como agentes de perpetuação quase atemporais e os paralelos narrativos geram a sensação de dilatação do tempo, tanto para o passado quanto para o futuro, aspecto característico do pós-humanismo no seu processo de reflexão sobre o lugar da existência humana mediante distintos enquadramentos temporais.

A exemplo destas ideias, ao fim do romance um taxista relata ao pai a história de seu tio-avô, que haveria trabalhado na Comissão Rondon, uma campanha governamental de 1910 considerada pioneira da política indigenista e de interiorização territorial do país. O homem narra aspectos das expedições, ressaltando que seu avô fora contratado como mateiro para abrir trilhas pela floresta e testemunhara o assassinato de uma índia. O encontro furtivo com este relato em meio às disputas territoriais do romance produz o senso de retorno a um passado recorrente que não alcança conclusão ou esgotamento. Evoca ainda o retorno alegórico dos protagonistas ao passado colonial, como fossem de encontro aos primeiros "exploradores" europeus das Américas. Essa percepção em campo ampliado pode ser relacionada ao conceito pós-humanista de *Deep Time*, ou tempo profundo, que permite apreender o aspecto ambíguo do humano mediante as escalas temporais cósmicas e geológicas. Por um lado, o humano surge como ser de aparente irrelevância diante da ancestralidade da vida na Terra; por outro lado, revela-se agente gerador de uma nova era geológica, denominada Antropoceno (Herbrechter, 2022). Este tempo expandido manifesta-se na constatação de uma persistência histórica em processos de degradação ambiental na Amazônia que, por fim, demonstram-se capazes de modificar paisagens e extinguir culturas.

A perpetuação de tais dinâmicas dialoga com a persistência da lógica dialética humanista. Apontada por Philippe Descola (2013) como traço distintivo da racionalidade ocidental, tal lógica centra-se na separação entre natureza e cultura – noção basilar do discurso moderno. Rosi Braidotti (2013), ao retomar o debate da separação do humano em relação ao mundo não-humano, observa que a crise climática e o Antropoceno chamam atenção à interdependência da existência humana com outras formas de vida. Assim, convidam a uma expansão da noção de humano que abarca as interações com o não-humano, aspecto que pode ser apreendido através do conceito de *Zoe*. Em decorrência disso, o pós-humanismo surge como possibilidade de superação das mencionadas divisões, compreendendo a subjetividade humana como inserida em um *continuum* natureza-cultura.

[...] *there is a necessary link between critical posthumanism and the move beyond anthropocentrism. I refer to this move as expanding the notion of Life towards the non-human or zoe. This results in radical posthumanism as a position that transposes hybridity, nomadism, diasporas and creolization processes into means of regrounding claims to subjectivity, connections and community among subjects of the human and the non-human kind.* (Braidotti, 2013, p. 51).

O protagonista de *Os substitutos* representa uma tentativa de superação das estruturas dialéticas contidas na dualidade natureza e cultura. Esse menino/homem, cujo nome não é revelado, passa a vida a tentar construir sentido para sua relação disfuncional com a figura paterna. O pai personifica os processos de hierarquização da vida – característica constituinte da racionalidade humanista moderna – demonstrando tendências androcêntricas, heteronormativas e racistas. Detém, ainda, uma ‘forma de racionalidade’ extremada que despreza a sensibilidade humana e as artes. No âmbito ecológico, é agente de destruição de outras formas de vida já que sua viagem à Amazônia é motivada pela tomada de posse de hectares de floresta que seriam convertidos em pasto para criação de gado, o que acaba por motivar o genocídio de uma tribo indígena descrita como “uma praga” em suas terras (CARVALHO, 2023, p. 91). Neste sentido, o pai encarna o modelo do Homem humanista universal, apresentando valores descritos por Braidotti como “*masculine, white, urbanized, speaking a standard language, heterosexually inscribed in a reproductive unit and a full citizen of a recognized polity*” (Braidotti, 2023, p. 65).

O filho, por outro lado, personifica o antagonismo a essas forças hierarquizantes. É dotado de sensibilidade, torna-se um adulto homossexual e curioso sobre as culturas indígenas amazônicas. Detém uma capacidade imaginativa e crítica capaz de renunciar às “lições” dadas pelo pai durante a viagem, manifestas em expressões como “assim como a mulher, a terra é de quem sabe domá-la” (Carvalho, 2023, p. 67). Essa ruptura entre gerações é entendida na presente análise como manifestação pragmática de uma virada crítica da própria humanidade, na medida em que o leitor tende a se identificar com as disputas geracionais da família que, de uma forma alegórica, conjuram tendências contemporâneas voltadas ao descentramento do humano.

O anonimato das personagens contribui para uma interpretação desses fenômenos e relações enquanto fenômeno social. As personagens não possuem nomes próprios, sendo em lugar designadas por alcunhas derivadas de suas funções, tais como “pai”, “filho”, “namorada do pai”, “o administrador”, “o banqueiro”, “o autor”, a “mãe”, etc. Assim, as relações adquirem uma conotação genérica e, embora abordem temas de âmbito íntimo e subjetivo, evocam simultaneamente a noção de um modo de existência comum característico daquele período histórico. As únicas personagens às quais são atribuídos nomes são secundárias e femininas, sendo estas Ava e Maria Rita, duas heroínas que rebelaram-se contra as normas dos projetos de colonização e terminam assassinadas e esquecidas.

A construção dessa teia de relações permite uma visualização em larga escala do funcionamento das estruturas sociais, na medida em que essas percepções são estendidas ao âmbito ecológico. Tal aspecto torna-se evidente pelo constante uso de descrições da sociedade humana desde a perspectiva infantil do menino, que ao longo do romance vislumbra a pequenez das cidades desde a perspectiva do avião monomotor e brinca com miniaturas de cidades, castelos e ferrovias. A adoção deste referencial distanciado permite uma apreensão da humanidade como participante diminuta no cenário da floresta Amazônica – e do planeta Terra de forma geral – descentralizando o humano em face à complexidade das relações ecológicas.

[...] Caso sobrevivesse, também subiria o morro até o promontório, para ter a mesma perspectiva daquelas testemunhas ínfimas, para se equiparar às miniaturas, pôr-se no lugar delas, correndo como formigas de um lado para outro, quando já não houvesse perigo nem avião nenhum no céu (Carvalho, 2023, p. 39).

A adoção de descrições em escalas variáveis permite a visualização do humano na sua relação com outras espécies e formas de vida. Por exemplo, quando o pai adquire malária, uma médica explica ao menino: “Seu corpo é o universo. É o conjunto de todos os seres microscópicos que o disputam” (Carvalho, 2023, p. 48). Curiosamente, devido a um ataque de malária sofrido pelo pai quando estavam ainda sobrevoando a floresta, ambos quase são mortos por esses seres minúsculos. Este aspecto é relevante na medida em que, devido ao clima político, na grande São Paulo os pedestres são descritos como confidenciando uns aos outros que “a morte havia tomado conta do país” (Carvalho, 2023, p. 22). O paralelo entre essas cenas permite apreender a divisão entre espaço urbano e espaço natural na obra, revelando a natureza como fonte constante de ansiedade e temor, considerando-se que, para o pai, os seres microscópicos que o infectaram constituem um perigo maior do que a violência política que domina os centros urbanos.

No que concerne a menção à malária, faz-se ainda relevante mencionar que tal patologia está historicamente associada ao imaginário da colonização da floresta, substanciando a imagem da Amazônia como um “inferno verde”, a exemplo do romance homônimo do escritor Alberto Rangel. Durante os séculos XIX e XX, o desenvolvimento da medicina tropical esteve intrinsecamente associada a um discurso sobre a viabilidade da civilização nos espaços tropi-

cais, dado que as doenças dos trópicos eram consideradas obstáculos ao desenvolvimento por seu caráter ameaçador aos projetos de interiorização do país (Benchimol; SILVA, 2008). Por este motivo, em seu diário de viagem ao longo do rio Amazonas, Mário de Andrade formulou uma espécie de filosofia da maleita, a qual objetivava reafirmar a tropicalidade (Lima, 2013). Subvertendo o debate sobre a malária como atrelado à degradação da civilização, Carvalho oferece uma representação alternativa onde o patógeno torna-se uma espécie de manifestação do sistema imunológico da floresta, o qual tenta combater o “vírus humano” que se aproxima. Esta perspectiva inverte os valores humanistas e civilizacionais, apresentando o humano como um símbolo de ameaça à floresta – ideia vinculada à crítica pós-humanista.

Com base nesses aspectos, observa-se que *Os substitutos* detém natureza heterogênea, marcada pela confluência de múltiplos gêneros literários e narrativas. A análise crítica dessas camadas revela a noção de substituição como um princípio recorrente, por meio do qual as mesmas lógicas e ambições de dominação antropocêntrica são reiteradas em distintos contextos e escalas. Assim, a agência de seres humanos, mais-que-humanos e não-humanos revelam processos sociais que, embora deslocados no tempo e no espaço, mantêm-se estruturalmente semelhantes. A preocupação com os impactos naturais de tais sociabilidades revela, sutilmente, a emergência de uma tendência pós-humana na literatura sobre a Amazônia.

2. A imaginação colonialista: Imagens em movimento

As noções de substituição e de escala, enquanto expressões da continuidade do colonialismo mais-que-humano, detém um caráter interartes. O romance constrói a realidade brasileira por meio da intertextualidade, sendo percepção subjetiva da criança perpassada pelo imaginário cinematográfico. Neste aspecto, pode-se destacar três referências fílmicas principais: *Solaris* (1972) de Andrei Tarkovski, *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) de Stanley Kubrick e o gênero *Western* norte-americano. Tais referências conectam, analogamente, a noção de colonização tanto ao passado quanto ao futuro, sugerindo paralelos entre a realidade brasileira e o imperialismo norte-americano. Conforme apresentar-se-á nesta seção, os usos de tais intertextualidades pelo autor demonstram modos através dos quais a cinematografia não apenas elabora e representa o passado ficcionalmente, mas também constitui bases ideológicas para a adoção de novas posturas e políticas. O processo social e histórico dos Estados Unidos apresenta-se neste caso como referencial de uma noção universalista de progresso.

Neste sentido, o imaginário da viagem espacial alude à dinâmica histórica brasileira em duas dimensões: Por um lado, reflete sobre disputas na política interna que espelham a divisão entre capitalistas e comunistas, encarnados na perseguição da ditadura militar àqueles denominados “inimigos internos” – alcunha estendida inclusive aos povos indígenas (Barbosa, 2016). Por outro lado, faz menção ao imaginário de expansão territorial desenfreada, manifestando a continuidade da lógica colonialista. Estes aspectos estão claramente presentes na descrição

do autor sobre a cidade de São Félix, onde o pai e o menino aterrissam. A dita cidade teria sido fundada ao longo de várias décadas de projetos de interiorização e “civilização” da Amazônia. Ao sublinhar as funções do banco e do cinema na cidade, Carvalho evidencia a conformação do fenômeno de ocupação territorial como efeito de aspectos políticos, em termos de financiamento governamental, e também subjetivos, aqui formulado desde a racionalidade humanista:

[...] As duas construções deviam datar da construção da cidade cem anos antes, quando não passava de entreposto na rota de desesperados e aventureiros arriscando a vida por uma miragem na selva. Banco e cinema compartilhavam a mesma arquitetura bruta e despojada, alternando o lugar do sonho naqueles confins, entre dinheiro e imaginação (Carvalho, 2023, p. 55).

Partindo das imagens sugeridas pelo autor, pode-se inferir o banco como uma alegoria do sistema de distribuição de terras amazônicas durante a ditadura militar brasileira. A observação das origens da cidade traz a reminiscência de séculos de projetos de exploração na região, mas mais precisamente reflete a história de criação do projeto governamental da ‘Amazônia Legal’. Criada em 1953, durante a Era Vargas, tal projeto estabeleceu-se como um dos principais programas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), objetivando deslocar grupos sociais de áreas de concentração demográfica para os “espaços vazios” da região amazônica (Neto; Neto, 2019). Tal projeto havia sido antecedido pela campanha da “Marcha para o Oeste”, promovida também por Vargas durante os anos 1940, da qual a expedição Roncador-Xingu tornou-se símbolo maior. Durante a ditadura militar, através da criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), tais ideias ganharam nova força, constituindo o que convencionou-se denominar uma “fase aguda da colonização” (Calheiros, 2015, p. 2). A referência à Amazônia Legal torna-se explícita quando o menino vai com o pai ao banco retirar o dinheiro obtido de seu acordo com os militares:

[...] No mapa pendurado na parede atrás dele [do banqueiro], a Amazônia Legal estava representada como uma imensa colcha de retalhos. Não havia espaço que não estivesse coberto por fazendas que faziam fronteiras umas com as outras, como pequenos países, cada qual identificado por uma cor. O menino perguntou ao pai como faziam para viajar de carro sem invadir as terras uns dos outros. “Pelas estradas, como em qualquer lugar. As estradas são públicas”, o pai respondeu, não vendo motivo de contradição (Carvalho, 2023, p. 54).

A naturalidade com a qual o pai declara utilizar estradas públicas para deslocar-se em meio a floresta amazônica dialoga com outra temática sensível das políticas de colonização da Amazônia, principalmente no que concerne a impactos necropolíticos em populações indígenas. A construção da Transamazônica e da BR 174 (Manaus-Vista), realizadas nesta época, estão associadas ao genocídio das etnias Araweté, Parakanã e Waimiri Atroari, sendo que a aldeia desta última etnia foi inclusive bombardeada (Calheiros, 2015, p. 8). Tais dados constituem exemplos de violências não incluídas de forma oficial nos relatórios da Comissão da Verdade e,

por isso, motivadoras de discussões públicas sobre a possível criação de uma Comissão Indígena da Verdade (Zelic, 2022). Portanto, a referência do pai às estradas evoca uma forma de racionalidade humanista que recusa apreender a indigeneidade como faceta do humano, reiterando a ideia das terras amazônicas como “vazias”, noção historicamente presente no pensamento colonial através do conceito de *Terra Nullius* (Fitzmaurice, 2007). No livro de ficção do menino, a construção da paisagem como despovoada surge de forma particularmente evidente:

[...] O tamanho do planeta, a gravidade, a atmosfera, o clima e as estações, tudo é mais ou menos igual à Terra. Só que não é a Terra. O planeta é um substituto. Eles não vão demorar a entender que lá não tem vida animal. Quer dizer, vão demorar a entender a razão. Veem as plantas, as florestas, mas nenhum bicho, como se olhassem tudo de longe, como se ainda estivessem no espaço mesmo depois de já terem pousado (Carvalho, 2023, p. 25).

Assim, o delineamento de um mapa de divisão de terras, bem como o apoio à criação de uma malha rodoviária, estão embasados em uma recusa de reconhecer a existência de outras formas de vida nestes espaços. A divisão territorial sobrepõe-se aos territórios indígenas, à fauna e à flora, restando um projeto aniquilador da diversidade que centra a noção de progresso em práticas de desmatamento, pecuária e logística rodoviária. A existência de centros urbanos na Amazônia está ainda historicamente associada ao ciclo de exploração da borracha, baseado na extração do látex de seringueiras nativas (*Hevea Brasiliensis*), o qual serviu em grande parte à sustentação do mercado automotivo. Cidades como Manaus, na Amazônia brasileira, e Iquitos, na Amazônia peruana, possuem suas origens vinculadas a essas dinâmicas (Smith, 2021), p. 8). Fordlândia, uma cidade operária construída em 1927 às margens do rio Tapajós pelo empresário norte-americano Henry Ford, contribui de forma ainda mais incisiva para visualizar tais relações. O projeto urbano visou facilitar a produção de pneus automotivos pelas indústrias Ford, mas também contou com projetos de transmissão dos valores culturais norte-americanos aos trabalhadores locais (Romero, 2017). Portanto, visualiza-se tais projetos em seus aspectos práticos e simbólicos, apontando para a permanência de uma fantasia colonial de industrialização da Amazônia sempre acompanhada pelo ideal civilizatório norte-americano. A cidade fictícia de Carvalho evidencia a retroalimentação dessas dinâmicas.

De tal forma, o cinema constitui o segundo ponto relevante da cidade de São Félix, apresentando-se como o espaço de criação da imaginação e da transmissão de valores culturais. Após muito insistir, o filho convence o pai a assistir um filme hollywoodiano de faroeste (gênero *Western*) em cartaz. A obra retrata a conquista do oeste norte americano por *cowboys* que guerreavam contra “índios traiçoeiros e sanguinários” (Carvalho, 2023, p. 58). Através dessa referência, estabelece-se uma relação direta entre os projetos de interiorização territorial da ditadura militar com os eventos conhecidos como “guerras indígenas americanas” ou “guerras de fronteiras”, dialogando com um imaginário da Amazônia como “última fronteira da civilização”, ideia reiterada ao longo dos séculos por campanhas políticas e representações literárias (Martínez-Pinzón, 2019).

Estas imagens evidenciam a política de colaboração do regime militar brasileiro com o governo estadunidense, frequentemente associada à chamada Operação Condor (Mcsherry, 2005). A crítica à adoção do imaginário norte americano é ainda reforçada através da observação do menino que, ao emergir da diegese do filme e observar as mulheres da plateia com traços faciais indígenas, exclama: “Como é que deixam as mulheres irem ao cinema com seus inimigos?” (Carvalho, 2023, p. 60). Esta crítica suscita o ideal da identidade nacional brasileira como associada a uma população mestiça que, contudo, não se reconhece como tal. Evoca, ainda, o favorecimento aos interesses do capital estrangeiro em detrimento dos interesses nacionais – aspecto este que adquire considerável relevância no ambiente amazônico, onde considerável parte das empresas de exploração são estrangeiras ou multinacionais.

Os filmes *Solaris* (1972) de Andrei Tarkovski e *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) de Stanley Kubrick, descritos como os favoritos do protagonista desde sua infância até a idade adulta, permeiam tais acontecimentos através de saltos temporais na narrativa memorialista do protagonista. Díaz (2018), ao realizar uma análise comparatista precisamente sobre estas obras, observa que tais filmes representaram uma espécie de transposição das disputas ideológicas da guerra fria ao âmbito cinematográfico. Porém, para além do endosso político, observa que tais obras suscitam relevantes questões sobre o papel da tecnologia na criação de formas de existência ‘mais-que-humana’, problematizando os rumos ontológicos e éticos que essas iniciativas impõem à trajetória da humanidade.

No caso do filme de Kubrick, o autor aponta a persistência da reflexão sobre a diferença entre homem e animal, principalmente no que concerne à ‘evolução’ do macaco ao homem, viabilizada pelo uso das primeiras formas de tecnologia. No caso tarkovskiano, tais questionamentos evocam o temor de que as explorações tecnológicas promovam o encontro com formas de vida não-humana. Em ambos casos, persiste a formulação de que a tecnologia poderia provocar mudanças drásticas, inaugurando uma nova humanidade, aspecto que dialoga fortemente com as teorias trans-humanistas nas relações homem-tecnologia.

[...] los filmes apoyan claramente que su bloque, Estados Unidos, o la Unión Soviética, sea el que prepondere en la carrera espacial y la Guerra Fría, pero que los resultados de estos avances pueden dar lugar al entendimiento de aspectos que podrían poner en juego la continuidad de la vida en la tierra como se conoce (Díaz, 2018, 223).

A inserção desses elementos no romance evoca questionamentos sobre o destino dos projetos espaciais diante da ambição de uma humanidade multi-planetária, refletindo sobre as consequências de tais projetos para a vida na Terra. Tais reflexões dialogam estreitamente com questões atuais, na medida em que as ansiedades sobre o colapso climático no Antropoceno apresentam relações com discursos de colonização do planeta Marte. A construção do projeto urbanístico *Starbase* ou *Muskland*, financiado pelo empresário Elon Musk na região do Texas, próximo à fronteira com o México, explicita as correspondências entre tais ideias posto que o

investimento em tecnologias espaciais é justificado por Musk como uma forma de manutenção da vida humana diante de ameaças climáticas ou mesmo extra-terrenas (e.g. fenômenos como o aquecimento solar ou a colisão da Terra com meteoros). Tal qual Fordlândia e São Félix, o complexo prevê não somente a construção de residências para os trabalhadores de suas diversas empresas, como *SpaceX*, mas também instituições educativas e espaços de lazer (Mccarthy, 2025). Debates públicos, contudo, questionam os grandes investimentos em projetos de colonização espacial em detrimento de políticas estruturais de manutenção da vida na Terra (Wagenknecht, 2023). Este caso pragmático evidencia a atualidade de *Os substitutos*, onde o real e o imaginário dialogam. A representação ditatorial do romance, portanto, evoca elementos profundamente atuais, permitindo uma visualização da evolução dos processos políticos nacionais em âmbito global. A crescente atuação política do empresário Elon Musk no governo Trump reacende a corrida espacial como um fenômeno global liderado pela política norte-americana.

Considerações Finais

A análise de *Os substitutos* revela um complexo entrelaçamento entre passado e futuro, ficção e realidade, evidenciando correspondências entre o colonialismo e a crise do Antropoceno, bem como suas continuidades no imaginário contemporâneo de colonização espacial. A obra de Carvalho, ao utilizar a narrativa de moldura, não apenas constrói uma reflexão sobre a memória histórica da ditadura militar e seus projetos de colonização, mas permite a projeção desse passado tanto no presente quanto no futuro. O imaginário da corrida espacial, oriundo do contexto da Guerra Fria, revitaliza-se em discursos contemporâneos que vislumbram a conquista territorial de outros planetas como possibilidade de continuidade de uma lógica insaciável de exploração dos recursos naturais. Como exemplo desse fenômeno, mencionou-se o projeto urbanístico de criação da cidade *Starbase* pelo empresário Elon Musk, evidenciando suas similaridades com a dinâmica urbana da cidade de São Félix no romance.

O romance constitui-se como uma obra de múltiplas camadas e referências, produzindo um retrato da ditadura militar brasileira que procura, antes de tudo, interrogar o processo imaginativo que antecede e condiciona as atividades políticas e os eventos históricos. A coexistência de diversas narrativas, por vezes contraditórias ou incongruentes, conforma um relato de teor memorialista, contendo saltos temporais que revelam a incapacidade do protagonista de reconhecer a razão da viagem realizada à Amazônia na sua infância. Desse modo, a narrativa permite vislumbrar as dificuldades de elaboração de um processo traumático onde o protagonista resiste até as últimas páginas a admitir o envolvimento de seu pai com o genocídio de uma tribo indígena. Neste sentido, conforme discutido, as relações das personagens refletem mais um modo de funcionamento social do que um mergulho em subjetividades particulares. Observa-se que o romance evoca a própria historiografia como responsável por essa incapacidade de reconciliação com o passado, conforme o protagonista afirma: “[...] Mas um oco o impedia.

O oco era a memória, a história do país. Sempre quis escrever sobre o pai e seu amor torto, mas no meio de tudo havia esse buraco, um obstáculo.” (CARVALHO, 2023, p. 182). Assim, o apagamento da memória do protagonista parece refletir o próprio apagamento da violência pelas instituições de memória, evidenciando razões para suas dificuldades de compreensão do presente. Da tal forma, pode-se concluir que a visualização dos processos colonialistas como agenciamentos 'mais-que-humanos' no romance permite a elaboração de injustiças sociais e ambientais que foram recorrentemente invisibilizadas pelo discurso antropocêntrico.

Referências

- AZEVEDO, D.; SANJURJO, L. Políticas de memória e práticas forenses: desaparecimento, desigualdades e produção da verdade na Argentina e Brasil. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia* v. 54, n. 2, p. 179-209, 2022.
- BARBOSA, Rodrigo Lins. *O Estado e a questão indígena: crimes e corrupção no SPI e na FUNAI (1964-1969)*. 2016. 260f. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BENCHIMOL, J. L., SILVA, A. F. C. da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*, v.15, n.3, p. 719-762, 2008.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BUELL, Lawrence. *The environmental imagination: Thoreau, nature writing, and the formation of American culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- CAEIRO, Olívio. Formas da narrativa enquadrada na novela alemã do realismo poético. *Língua e Literatura*, v. 2, p. 235-256, 1973.
- CALHEIROS, Orlando. No tempo da guerra: algumas notas sobre as violações dos direitos dos povos indígenas e os limites da justiça de transição no Brasil. *Revista Verdade, Memória e Justiça*, v. 9, p. 1-11, 2015.
- CARVALHO, Bernardo. *Os Substitutos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CESARINO, Leticia. Colonialidade interna, cultura e mestiçagem: Repensando o conceito de colonialismo interno na antropologia contemporânea. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 19, n. 2, p. 73-105, 2017.
- CRUZ, Lua Gill da. *Pretéritos futuros: ditadura militar na literatura do século XXI*. 2021. 322f. tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- DESCOLA, Philippe. *Beyond Nature and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.
- DÍAZ, Laura Salcedo. Expresiones críticas representadas en los discursos de películas de finales de los 60's: 2001: Una odisea del espacio, el planeta de los simios y Solaris. *Pensamiento Americano*, v. 12, n. 23, p. 200-224, 2019.
- FITZMAURICE, Andrew. The genealogy of Terra Nullius. *Australian Historical Studies*, v. 38, n.129, p. 1-15, 2007. DOI: 10.1080/10314610708601228.
- FLORES, B.M. *et al.* Critical transitions in the Amazon forest system. *Nature*. v. 626, p. 555-564, 2024.
- Godinho, Sandra. *Tocaia do norte*. Natal: Mãos de Calíope – Ebook's & Serviços Literários, 2021.
- HERBRECHTER, Stefan. Posthumanism and Deep Time. In: HERBRECHTER, S. *Palgrave Handbook of Critical Posthumanism*. London: Palgrave Macmillan, 2022, p. 29-54.

HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism: Literature, Animals, Environment*. New York: Routledge, 2010.

JOHNS-PUTRA, Adeline; GOODBODY, Axel. The Rise of the Climate Change Novel. In: JOHNS-PUTRA, A. *Climate and Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, 229-245.

LIMA, N. T., BOTELHO, A. Malária como doença e perspectiva cultural nas viagens de Carlos Chagas e Mário de Andrade à Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p. 653-67, 2013.

MARTÍNEZ-PINZÓN, Felipe; URIARTE, Javier. *Intimate Frontiers: A Literary Geography of the Amazon*. Liverpool: Liverpool University Press, 2019.

MCCARTHY, Will. 'He's Trying to Colonize this community': Inside Elon Musk's plan to take over this Texas town. *Politico*. 5 fev. 2025. Disponível em: <https://www.politico.com/news/magazine/2025/05/02/elon-musk-spacex-texas-starship-00317693>.

MCSHERRY, Patrice. *Predatory States: Operation Condor and Covert War in Latin America*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

MEDEIROS, Constantino Luz. As faces de Janus: um olhar sobre a narrativa moldura como procedimento literário. *Palimpsesto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, n. 14, 1-15, 2012.

NETO, V. J., NETO R. B. G. Amazônia: políticas governamentais, práticas de 'colonização' e controle do território na ditadura militar (1964-85). *Anuario IEHS*, v. 34, n. 1, p. 99-122, 2019.

NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

PEDRETTI, Lucas. Silêncios que gritam: Apontamentos sobre os limites da Comissão Nacional da Verdade a partir do seu acervo. *Revista do Arquivo*, n. 5, p. 62-76, 2017.

RISSE, L. C., CARVALHO, C. R. de. O governo Bolsonaro e similitudes com o período da ditadura militar no Brasil nas questões indígenas e ambientais. *Formação*, v. 29, n. 54, p. 331-356, 2022.

ROMERO, Simon. Deep in Brazil's Amazon, Exploring the Ruins of Ford's Fantasyland. *New York Times*, 20 fev. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/02/20/world/americas/deep-in-brazilsamazon-exploring-the-ruins-of-fords-fantasyland.html>.

SAVI, Melina Pereira. A ficção climática: ponderações sobre o realismo como caminho para pensar os efeitos subjetivos do Antropoceno. *Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, n. 4, p. 87-107, 2023.

SILVA, Tairane Ribeiro. Apontamentos sobre o apagamento da população negra no relatório da Comissão Nacional da Verdade – 2014. *Tempo de Histórias*, v. 1, n. 36, p. 504-526, 2020.

SLATER, Candace. "Visions of the Amazon: What Has Shifted, What Persists, and Why This Matters." *Latin American Research Review*, v. 50, n. 3, p. 3-23, 2015. <https://dx.doi.org/10.1353/lar.2015.0039>.

SMITH, Amanda. *Mapping the Amazon: Literary Geography after the Rubber Boom*. Liverpool: Liverpool University Press, 2021.

WAGENKNECHT, Leon. *Imagining a Multiplanetary Future – Elon Musk's Impact on the Sustainability Discourse*. 2023.165f. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Utrecht, Utrecht.

ZELIC, Marcelo. Comissão Nacional Indígena da Verdade, uma emergência civilizatória. In: CIMI, *Relatório violência contra os povos indígenas no Brasil Dados de 2022*. Brasília: CIMI, p. 273-278.